O CCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semestre — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.o á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas, (idem).....	4$000	2$000	-$-	-$-
Estrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-
Brazil (moeda fraca).....	15$000	7$500	-$-	-$-

4.º ANNO — VOLUME IV — N.º 82

1 DE ABRIL 1881

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA — 43, Rua do Loreto, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empreza.

É correspondente d'esta empreza no Rio de Janeiro o sr. Serafim José Alves, rua Sete de Setembro, n.º 83.

S. M. I. ALEXANDRE II, IMPERADOR DA RUSSIA

Assassinado na praça de S. Miguel, em S. Petersburgo.. no dia 13 de Março de 1881

(Segundo uma photographia de Levitzki de S. Petersburgo)

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica Occidental, Gervasio Lobato — O czar Alexandre II, assassinado em 13 de março de 1881, G. L. — Marcos Portugal — As nossas gravuras — Congressos Anthropologico e Litterario, trabalhos dos congressos, R. — O Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro e o tri-centenario de Camões, G. L. — Apontamentos para a vida do Diabo, Delfim d'Almeida — Effeitos do ultimo copinho, Xavier da Cunha — Publicações.

GRAVURAS. — S. M. I. Alexandre II, Imperador da Russia — Marcos Portugal, busto em gesso executado por Alves Brandão para a Academia Marcos Portugal — Exposição da Sociedade Promotora de Bellas Artes em Portugal em 1880, O Sapateiro Santo, quadro do M. M. Bordallo Pinheiro — Uma paizagem — Effeitos do ultimo copinho — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

Ainda bem que chegamos tarde com a noticia do novo ministerio. O momento dos commentarios á crise já lá vae, e nós poderemos conservar ainda intactos d'esta vez os dois sagrados titulos, que temos á gratidão da patria e á admiração dos vindouros — o nunca termos feito versos, o nunca termos feito politica.

Está pois, assente, que não adormeceremos os leitores com considerações transcendentes sobre a politica portugueza: não entoaremos o *Dei profundis* do governo que caiu, não cantaremos lôas ao governo que sobe.

Alheios ás luctas partidarias, fóra das paixões accesas pelos interesses pessoaes, reconhecemos no governo que caiu e no governo que sobe, homens notaveis, talentos brilhantes, aptidões provadas; temos n'ambos sympathias pessoaes, talentos que se impõe á nossa estima e ao nosso respeito. Se fossemos obrigados a fazer politica aqui, — felizmente não somos — teriamos de limpar da poeira a velha phrase espectante, tiral-a da estante e encaixal-a n'este logar: «aguardamos os actos do governo;» como não somos obrigados a esse desprazer, fugimos d'elle radiantes, prestando ao sahir da porta a homenagem sincera da nossa admiração e da nossa estima profunda, a esse grande e venerando vulto liberal, que está á frente do novo gabinete, a esse velho sublime, a esse publicista audaz, a esse pamphletario energico, a esse jornalista excepcional, em quem ao cabo de uma longa carreira publica, os inimigos só encontram uma mancha, mas uma mancha que é uma aureola — o *Espectro!*

E vamo-nos, quanto antes, para outro assumpto, que iamos já começando a sentir dentro de nós uma philarmonica e uma girandola de foguetes.

— Outro assumpto ha de ser difficil que não seja um concerto, porque é em que se tem occupado Lisboa n'estes dias de desconcerto politico. Nada menos de tres concertos, um em D. Maria e dois na Trindade.

O de D Maria foi o do sr. Oscar Pfeiffer, um pianista distinctissimo, um artista viennense muito notavel, muito illustrado, que já por varias vezes, ha muitos annos, tem tocado em Lisboa, e que teve uma ovação calorosa, mesmo sendo o seu concerto posterior ao de Rubinstein. Se o sr. Pfeiffer não tivesse que luctar com a recordação, ainda fresquissima, do primeiro pianista do mundo, muito maior teria sido o enthusiasmo; entretanto a ovação que elle teve, vale dez vezes mais do que em qualquer outra circumstancia, porque os eccos da sala de D. Maria estavam ainda constellados das notas estranhas, maravilhosas do celebre moscovita.

— Segundo concerto. Foi na Trindade, e tambem de um pianista, mas de um pianista portuguez. É positivamente um prodigio, esse pianista que tem apenas 12 annos, e que já dá concertos em que toca Chopin e Mendelssohn, e em que rege a grande orchestra composições suas.

Agora um reparo: este titulo de prodigio, que é hoje para o sr. Vianna da Motta uma gloria, póde muito bem ámanhã ser um perigo.

A posição de menino-prodigio é uma posição critica, de que é muito difficil saír-se, mesmo depois de se ser velho.

Tem-se 30 annos e ainda se é «menino prodigio.»

O sr. Vianna da Motta que se acautele, ou antes a sua familia que o preserve d'esse perigo.

Tem muito talento, tem vocação, tem disposição notavel para pianista, mas trate quanto antes, de atirar para longe de si, com a sua posição actual de prodigio.

O titulo de uma das suas composições, executadas n'esse concerto, é já um symptoma terrivel: *Pensamento poetico!*

Urge que o menino Motta se afaste d'este abysmo e d'estes pensamentos.

Tem talento para isso e oxalá que o faça

— Terceiro e ultimo concerto, graças a Deus, porque isto de concertos, por melhores que sejam, cançam; parece mesmo que quanto melhores são cançam mais. Concerto a beneficio dos insulanos, victimas dos temporaes e tremores de terra.

Annunciámos este concerto e prophetisámos-lhe os melhores resultados. Fomos prophetas, mas não levamos nada mais por isso. Uma festa magnifica, uma enchente enorme, muitas palmas e muito dinheiro, todos contentes, beneficiados, executantes e publico.

Houve prelecções, versos, arias, solos, duetos, eu sei lá, houve de tudo.

Pinheiro Chagas e Fernando Caldeira faltaram por doença, infelizmente para elles e para o publico.

Gonçalves Crespo, o grande poeta das *Miniaturas*, teve um exito enorme com a sua *Morte de D. Quixote* e o *Cura Santa Cruz*. Borghi-Mamo, um delirio. Synesberg, ovações sobre ovações. Difficilima de descrever, esta festa é uma das mais brilhantes a que temos assistido. Bravos e parabens á commissão de insulanos, que tão bem soube planear o primeiro dos beneficios que promove a favor dos seus desgraçados compatriotas.

— E ao fallarmos agora nas ilhas, tivemos uma triste impressão; lembrámo-nos d'aquelle bom Peixoto da ilha das Flores, que a estas horas está sendo enterrado nos Prazeres.

Pobre Peixoto, quando eu me ria comtigo e Guilherme d'Azevedo, na pequena redacção do *Diario da Manhã*, ali na rua dos Calafates, quando tu lá andavas com os mappas corographicos da tua ilha querida e com as gravuras da passagem não sei de que ponte.

Ha muito tempo tinha-o perdido de vista. Ha dias encontrei-o nas arcadas do Terreiro do Paço, com o seu chapéu de palha preto, mas triste, magro, amarello, inteiramente outro. Quasi que o não conheci. Disse-me que tinha tido um valente ataque de rheumatismo, mas que ia melhor E nunca mais soube nada d'elle.

Hontem pego n'um jornal e fico assombrado com uma noticia pequena, em que se dizia que tinha fallecido o sr. Peixoto Pimentel.

Pobre Peixoto! Não teve na sua vida senão uma grande preoccupação unica: a sua ilha.

Era um massador implacavel com a ilha das Flores: a gente descompunha-o, elle ouvia tudo muito serio, e quando nós imaginavamos que elle desistia finalmente da noticia a respeito da ilha, elle pedia-nos duas.

E não havia remedio senão publicar-lh'as e ninguem se recusava a isso, e no seu caracter havia tanta honradez, no seu tracto tanta affabilidade, no seu interesse pela ilha das Flores tanta dedicação desinteressada, que todos o admiravam e todos eram amigos d'elle.

— Já que tratamos de mortes relanceemos o olhar por essa tragedia idiota que levou a consternação e a dor ao coração d'um artista distincto que é ao mesmo tempo um homem honradissimo — o actor Montedonio do Gymnasio.

A historia chega a ser incrivel de selvageria imbecil. O sr. Montedonio tinha na sua loja da rua do Ouro, um caixeiro que estava para cazar com sua filha. Ultimamente, encontrou o caixeiro alcançado em cento e tantos mil réis. Sua filha soube-o e quiz, ferida na sua dignidade por esse acto indigno do homem que estava para ser seu marido, desmanchar o casamento. Montedonio muito sensatamente e generosamente oppoz-se a essa decisão extrema, e sua filha limitou-se a escrever uma carta ao noivo censurando-lhe asperamente o seu procedimento, nada mais. Pois isto foi o bastante para o caixeiro assumir um pretexto para no domingo de manhã ir a casa de Montedonio, quando sabia que elle estava no theatro, e disparar á queima roupa dois tiros de rewolver sobre a sua noiva, disparando em seguida um tiro na cabeça, que o matou d'ali a poucas horas.

Aqui tem uma tragedia n'um bico d'alfinete!

Felizmente, a filha do actor Montedonio está livre de perigo.

E digam-nos se ha nada mais inverosimil que esta catastrophe demasiadamente real!

— Para não acabarmos n'uma nota triste vamos até S. Carlos que se festeja lá o orago da casa, a diva Borghi-Mamo. Uma ovação enorme, excepcional só comparavel ao talento da beneficiada, pseudonymo perfeitamente gratuito que a empreza lhe deu n'essa noite.

Mas mesmo n'essa festa doida, brilhante, encontramos uma nota triste. Ha já as tristezas da despedida por entre os gritos d'ovação, ha já o despontar das saudades por entre os bravos do enthusiasmo.

Á hora em que me lerem, a voz de Borghi-Mamo ter-se-ha calado em S. Carlos, e no meio das saudades e das tristezas, o publico de Lisboa agarra-se a uma unica esperança e não faz senão perguntar:

— Até quando?

Gervasio Lobato.

O CZAR ALEXANDRE II

ASSASSINADO EM 13 DE MARÇO DE 1881

No dia 13 de março, anniversario da execução de Orsini, os nihilistas parece que quizeram celebrar essa data executando o czar de todas as Russias, com uma bomba explosiva, muito parecida com aquellas a que deu o seu nome o celebre conspirador italiano.

Ás duas horas e meia da tarde, quando o imperador regressava de visitar a grã-duqueza, ao seu palacio d'inverno, e passando pela praça Miguel entrava na rua dos Milhões, uma bomba explosiva arrebentando debaixo da sua carruagem, matou dois cossacos da sua escolta, feriu outros e quebrou as rodas da carruagem imperial.

Alexandre II ia acompanhado por um ajudante de campo, escoltado por um esquadrão de cossacos, seguido pelo adjunto da policia e pelo grã-duque Miguel, que vinha de uma revista de tropas. Ao rebentar a bomba, o imperador poz-se logo de pé, gritou ao cocheiro que parasse, e apeando-se, contra as instancias do seu ajudante, encaminhou-se, respondendo a todos que corriam a cercal-o, que estava são e salvo, para o homem que lançára a primeira bomba, e que um soldado do regimento de Preobadjenski conseguira desarmar, e segurava por um braço.

N'esse momento arrebentou uma nova bomba, mesmo aos pés do czar, que lhe espedaçou as pernas e abriu o ventre.

Houve um momento de indiscriptivel confusão. Passado o fumo produzido pela explosão, viu-se o imperador deitado no chão, banhado em sangue, rodeado de mortos e feridos.

O grã-duque Miguel e o adjunto da policia levantaram o imperador agonisante e conduziram-n'o para o palacio n'um *trenó*.

Alexandre II tinha as pernas fracturadas abaixo dos joelhos, os intestinos espedaçados pelos projectis. Os medicos quizeram-lhe amputar as pernas e laquear as veias, mas so-

breveio a hemorrhagia, e o czar sem recobrar os sentidos, morreu d'ali a uma hora, depois de terrivel agonia.

Momentos depois da morte do czar, appareceu uma proclamação da junta revolucionaria, glorificando o attentado, a que chamava *acto libertador*, conjurando o novo czar a não imitar seu pae, a não ser tyranno e concluindo: «Alexandre II succumbiu em virtude da sentença suprema, pronunciada contra elle em 7 de setembro de 1879.»

Diz-se que na vespera do attentado o imperador fôra prevenido d'elle por uma carta anonyma, e que o general Melikoff descobrira dias antes o trama da nova conspiração, e pedira ao czar que não saisse do palacio.

Mas Alexandre II tinha no mais alto grau essa qualidade caracteristica da raça slava, a resistencia: não dera ouvidos a Melikoff e teimára em saír. Pagou caro essa teima.

A bomba que matou o imperador não era uma bomba Orsini, como ao principio se disse, era uma bomba de vidro cheia de nitro-glycerina.

Estas bombas que os nihilistas, para desnortear a policia, tinham espalhado que estavam a fazer em Londres, foram feitas em S. Petersburgo, e por mulheres. Foram mais de vinte os mortos e feridos pela explosão, e entre elles o assassino, que quando atirou a bomba estava tão perto do imperador, que foi victima d'ella.

O cesarewitch foi logo acclamado imperador da Russia com o titulo de Alexandre III.

O fallecido imperador, de quem damos hoje o retrato, era sobrinho do actual imperador da Allemanha, isto é, filho de sua irmã Frederica Wilhermine, mulher do imperador Nicolau. Tinha actualmente 63 annos. Era alto, pallido, de nariz recto, um pouco grego, olhos azues, e parecia-se muito com sua mãe, por quem foi amamentado. Quando novo era tido por o homem mais varonilmente bello de toda a Russia. A sua valentia, a sua intrepidez selvagem, verdadeiramente slava, revoltára-se com as precauções a que ultimamente o tinham obrigado os manejos terriveis do nihilismo. Trazia sempre ao pescoço uma medalha com o retrato de sua mãe e os cabellos de seu filho mais velho, morto em Nisa pela tisica.

Aos 16 annos Alexandre foi declarado maior e logo depois nomeado commandante dos lanceiros da guarda. Em 1840, o cesarewitch foi á Allemanha tratar-se de uma doença adquirida nas manobras militares. Ahi viu a princeza Maria, filha do grã-duque Luiz II de Hesse, apaixonou se por ella e casou em 1841.

Em 1850 visitou, na sua qualidade de director das escolas militares do imperio, Nicolaief, Sebastopol, Tiflis, Erwan, Desbert, e terminou a sua viagem pela Russia meridional, dando aos circassianos do Caucaso uma batalha que lhe valeu a cruz da ordem de S. Jorge. Em 1855 Alexandre subiu ao throno da Russia por morte de seu pae, o czar Nicolau, tomando com o poder a responsabilidade da guerra da Criméa contra que protestara sempre, e substituindo o conde de Nesselrode pelo principe Gortschakoff no chancellerado do imperio.

Na questão da Polonia o novo imperador foi de um rigor excessivo: áquelles que se mostraram arrependidos, deu amnistia, mas não lhes restituiu os bens. Em 1861 Alexandre II emprehendeu uma serie de medidas liberaes, que a nova insurreição da Polonia veiu interromper, mas no dia 19 de fevereiro d'esse anno o czar promulgou, contra a vontade da maioria dos seus conselheiros, uma lei que só por si lhe dá um logar honroso na historia — a lei da emancipação dos servos.

Em 1866 o imperador decretou a lingua russa como a lingua official, d'ahi a nova insurreição da Polonia, que terminou em 1868 pela suppressão d'este reino.

Na guerra franco-prussiana o imperador da Russia, todo affecto á Allemanha, conservou-se na neutralidade, mas resolvido a auxiliar a Prussia se acaso a Austria se alliasse á França. Entretanto foi o czar Alexandre II que pediu ao rei Guilherme o salvo-conducto para Thiers ir ultimar as negociações do armisticio.

Na guerra do Oriente o papel do czar é bem conhecido. Depois de ter, por muitas vezes, fallado em abdicar em seu filho, Alexandre II toma uma attitude guerreira no momento da annexação da Servia; mas só em 24 de abril de 1877 é que pega abertamente em armas e caminha até Kischeneff, d'onde voltou triumphante.

Eis rapidamente a historia do imperador, que acaba agora de succumbir ao odio implacavel dos nihilistas. A vida do czar foi toda cortada por tentativas de assassinato. Esta, a que succumbiu, tinha sido precedida de cinco tentativas frustradas.

A primeira foi em S. Petersburgo, em 1864, na grade do jardim de verão, e foi tentada por um fidalgo, chamado Karagosoff, a quem um simples *moujick* agarrou no braço no momento em que ia a disparar.

A segunda foi em 1867, em Paris, durante as festas da exposição. Ao voltar da revista de Longchamps, um polaco, chamado Berezowski, disparou uma pistola sobre a carruagem onde vinham Napoleão III, o czar e seus dois filhos mais velhos.

A terceira, em março de 1879: um estudante, chamado Solwieff, esperou o imperador no passeio que costumava dar todas as manhãs a pé em volta do palacio d'inverno, e quando o czar passou, disparou-lhe quasi á queima-roupa cinco tiros de rewolver, mas nenhum d'elles lhe acertou, e o assassino foi logo preso por um official de policia.

A quarta tentativa foi no 1.º de dezembro, em plena *gare* de Moscow. Minaram a linha ferrea por onde devia passar o comboio real, que vinha da Criméa. Os assassinos enganaram-se e fizeram ir pelos ares o comboio de bagagens, que seguia com differença de alguns minutos, o primeiro comboio onde ia o imperador.

A quinta, finalmente, foi em 17 de fevereiro do anno findo. Uma caixa de dynamite, collocada nos subterraneos do palacio d'inverno, debaixo da casa de jantar do imperador, fez explosão, abatendo toda a sala. O imperador, porém, demorara-se a conversar com o principe Alexandre da Bulgaria, no corredor ao pé da casa de jantar e não soffreu nada, ao passo que 67 soldados do regimento de Finlandia ficaram sob as ruinas.

A sexta tentativa, o imperador succumbiu como já dissemos.

No proximo numero do OCCIDENTE occuparnos-hemos dos pormenores da catastrophe e do novo imperador e nova imperatriz da Russia, cujos retratos publicaremos.

G. L.

MARCOS PORTUGAL

I

O busto de Marcos Portugal, que hoje publicamos no nosso periodico é obra do sr. Possidonio da Silva Alves Brandão, esculptor já muito conhecido pelas suas producções, e que fez parte da sua educação artistica no estrangeiro.

Este busto possue qualidades muito apreciaveis de esculptura, devendo sobre tudo notar-se a grande similhança que tem com os retratos conhecidos do celebrado maestro.

Foi a Academia Marcos Portugal quem mandou executar este busto, destinando-o a inaugural-o nas suas salas, como preito de homenagem prestado á memoria do grande musico, cujas obras vão proximamente figurar, pela primeira vez, na exposição de musica que se realisa em Milão.

II

Marcos Antonio da Fonseca Portugal, nasceu em Lisboa a 24 de março de 1762. Teem sido quasi infructiferas as indagações ácerca da sua familia e dos seus primeiros passos. Sabe-se comtudo que Simão Portugal, seu irmão, foi compositor distincto, participando assim do talento que a natureza prodigalisou áquelle eleito da arte. Houve ainda uma irmã casada com Antonio Leal Moreira, talentoso tambem na arte de composição musical.

Da infancia de Marcos Portugal, seus estudos e dos mestres que deviam fecundar o genio d'aquelle talento em embryão, que mais tarde enlevaria a Italia com as melodias das suas inspiradas composições, suppõe-se com algum fundamento que aos oito annos de edade, em 1770, entrara para o seminario Patriarchal onde aprendera os primeiros elementos da arte que mais tarde o poria no quadro dos mais distinctos musicos. No complemento da sua educação artistica foi guiado pelo então celebre, João de Sousa Carvalho, e recebeu lições de canto, musico Fetis, de Borselli cantor da capella real, lições que poseram remate á educação do futuro artista.

Divergem os criticos sobre as suas primeiras composições. Para nós é quasi incontestavel que Marcos, musico ardente e apaixonado, com as lições de Borselli, e com a mira na patria da arte, devia ter começado, como querem alguns, por cançonetas, boriettos, queremos dizer, musicas de composição ligeira. E ainda provavel que essas composições não as tornasse publicas com o receio que poderia ter o artista pelas consequencias da sua estreia, e talvez a côrte devota d'esse tempo e as relações de Marcos Portugal o obrigassem a escolher a musica sacra para os primeiros ensaios publicos do seu genio. Assim affirmam ter sido estes, um *Miserere*, para quatro vozes e orgão, em 1776, depois uma *Ladainha* para um mesmo numero de vozes com acompanhamento de cravo, em 1779, varios *Psalmos* e outro *Miserere* destinados á Patriarchal e algumas missas a instrumental, em 1780 a 1782.

Borselli assistindo á estreia do seu discipulo e advinhando n'elle o futuro genio que devia deslumbrar a Europa pela facilidade de inspiração e correcção das suas composições, isto em relação á época em que o nosso Marcos escrevia, época que a musica, conforme diz um distincto critico francez, «vivia absorvida pelas difficuldades da sua syntaxe, por uma algebra de problemas harmonicos» que seriam resolvidos pelos grandes mestres Mozart e Beethoven, Borselli, repetimos, tratou de collocal-o, obtendo para elle o logar de acompanhador de cravo no theatro de Madrid para onde o seguia em 1782 contando então Marcos Portugal vinte annos de edade.

Em Madrid o seu talento grangeou-lhe novas amizades e protecções e o seu espirito irrequieto tendendo para o fóco de luz da arte, conseguia que o embaixador portuguez pelas suas influencias poderosas o passasse á Italia.

III

Em 1787 vemol-o em Italia pisar o solo fecundo d'aquelle admiravel paiz, berço de grandes engenhos musicaes, artisticos e litterarios.

No anno seguinte já elle principia a entrar na grande lucta para se crear um nome, escrevendo a sua primeira opera: *Le eroe cinesi*, para o theatro de Turim. Como quasi sempre succede esta primeira tentativa teve pouco exito; mas Marcos não era homem para desanimar aos primeiros revezes, e porfiando no trabalho, obtinha um exito extraordinario, mezes depois, com a sua opera ligeira: *La bajuetta portentosa*, que «excitou a admiração dos genovezes pela quantidade de phrases e idéas novas que caracterisam a maior parte dos trechos» segundo diz Fétis. Eis o homem que (pena é dizel-o) não nos envergonhamos de desconhecer, homem que honrou o seu paiz e provocou a admiração europea.

Foi a Italia que primeiro o applaudiu e ainda hoje é a nação que mais anima os noveis compositores musicaes.

Estas duas operas e algumas outras que vão mencionadas na relação que adiante apresentamos não foram relacionadas por Marcos Portugal n'um catalogo por elle deixado, porque talvez, como teem feito tantos distinctos *maestros*, as refundisse n'outras que escreveu posteriormente. Se fazemos menção d'isto, é por duvidar um distincto biographo da existencia d'estas operas, com quanto todos os mais as citem nos seus catalogos.

Animado pelo extraordinario successo da sua segunda composição o artista cobra novos brios e embriagado pelos applausos, compõe nos dois annos seguintes mais duas novas operas, acolhidas com o mesmo enthusiasmo: *L'astuto*, cantada em Turim e depois em Florença e *Il molinaro*, em Veneza.

Tanto ou tão pouco enthusiasmo despertou a primeira d'estas duas operas que foi vertida em lingua russa e executada em S. Petersburgo.

IV

Depois de tanto ser applaudido em Italia, negocios urgentes ou saudades da patria, ou ainda uma e outra cousa, o trouxeram a Lisboa onde é nomeado mestre de capella real, compositor organista da egreja patriarchal e regente do theatro do Salitre. Mas a esse tempo o seu talento já de todo desenvolvido e amestrado não podia convir uma côrte onde só obtinham a palma as composições para egreja e onde o cantochão fazia as delicias dos ouvidos reaes. Assim em 1791 volta de novo á Italia e dá em Parma *La dona di genio volubile*; em Roma *La vedova reggiratrice*; em Veneza *Il principe de Spazzacamino*, «cujo brilhante exito excitou a admiração de toda a Italia,» conforme o escreve Fétis.

Como se vê, Marcos preferia para a execução das suas operas a patria artistica que lhe fundára a sua reputação, e espalhou a fama do seu nome, muito antes de Portugal se lembrar d'elle. Tanto assim que só onze annos depois da execução da opera *La baquetta portentosa* em Italia se ouvia pela primeira vez em S. Carlos: *La dona di genio volubile*.

Eis pois Marcos Portugal caminhando de triumpho em triumpho, isto no tempo d'essa pleiade de *maestros* estrangeiros distinctos taes como Gluck, Piccini, Jomelli, Sacchini, etc.

Depois do *Principe de Spazzacamino*, continuou nas suas distinctas composições. Em 1794 canta-se em Milão o *Demofoonte*; em 1795 a 1795 *I due Gobbi*, em Veneza; e n'estes mesmos annos em Bolonha *L'ingano poco dura* e *Il ritorno di Cerse*; em 1797 *Il diavolo a quatro ossia le done cambiate* e muitas outras composições que seria longo enumeral-as, chegando, segundo nos parece ao ponto culminante da sua carreira artistica com a opera dramatica *Fernando in Messico*, talvez a sua obra prima, representada em Roma em 1797 e escripta para a celebre Bellington.

(Continua)

AS NOSSAS GRAVURAS

EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE PROMOTORA DE BELLAS-ARTES

O SAPATEIRO SANTO

O quadro que hoje damos em gravura foi a ultima obra d'esse notavel e honrado artista, o sr. Manuel Maria Bordallo Pinheiro que ha pouco falleceu deixando em seus filhos, continuadores gloriosos do seu nome festejado.

O quadro representa Simão Gomes; um dos grandes sapateiros prophetas do seculo XVI, d'esse tempo em que o ler no futuro andava junto ao deitar meias solas, e dando consulta na sua loja da rua Larga de S. Roque, ouvem attentos o sapateiro propheta dois velhos cavalleiros, e mulheres do povo que tem n'aquelle *mestre* o seu oraculo. A' porta um jesuita escuta a ver se o sapateiro Gomes recita bem a sua lição, porque como bem se sabe, estes prophetas de tripeça não passavam de instrumentos poderosos do jesuitismo.

O quadro de Bordallo Pinheiro, que esteve na ultima exposição, foi feito sobre uma interessante narrativa do sr. Teixeira d'Aragão; narrativa que faz parte dos seus *Typos Historicos* e que em seguida transcrevemos.

«Simão Gomes foi outra maravilha prophetica que viveu em Portugal no seculo XVI. A sua intelligencia era menos brilhante que a do Bandarra, mas em compensação era dotado de mais virtude no que dizia respeito a coisas da egreja.

«Nasceu o prodigio no logar do Marmeleiro, proximo a Thomar, oriundo de uma familia pobre e sem prosapia, que o creou á mercê de Deus. Aprendeu o officio de sapateiro com seu pae até aos 13 annos, em que foi para Setubal ao serviço do duque de Aveiro, e ahi começou a manifestar as primeiras tendencias prophéticas. Repugnando-lhe os regalos palacianos, talvez por inspiração divina, voltou a exercer o officio de sapateiro e dois annos depois foi correr terras de Hespanha, vindo assentar a tripeça na cidade de Evora; sempre muito devoto dos exercicios espirituaes, mortificando o corpo com jejuns e cilicios para estimulo da alma.

«Apesar de tanto querer ao divino, mestre Simão parece não ter sido indifferente ao profano; a fraqueza da carne humana levou-o a contrair o sagrado matrimonio na mesma cidade de Evora.

«Diz o jesuita Manuel da Veiga que elle não vira antes a mulher (!) mas que esta lhe saira de faca e calhau... «*muy forte de condiçam, ordenando Nosso Senhor assim esta parelha tam encontrada, pera que elle tivesse sempre comiguo hua pezada cruz, que levasse ás costas, pera seu mayor merecimento; e ella tivesse ante seus olhos hum espelho de virtudes, exemplo de paciencia, com que por hua parte se confundisse e por outra o imitasse.*»

«O tirocinio marital foi por certo uma das maiores provas de santidade do pobre sapateiro.

«A fama da sua vida tão exemplar e attribulada não tardou a propalar-se, e o cardeal-infante, que era justo apreciador de virtuosos, convidou-o a mudar a sua residencia para Lisboa. Simão Gomes acceitou o convite aconselhado pelo jesuita seu confessor, e veio estabelecer-se na rua larga de S. Roque, defronte do postigo da Trindade, nas visinhanças do collegio da companhia de Jesus.

«Na nova locanda continuou a remendar o calçado da raia miuda, apesar do honroso titulo que lhe havia conferido o cardeal D. Henrique, de *enfermeiro dos seus criados*.

«O homem era mal geitoso na cura dos achaques, e os servos de sua alteza preferiam ás suas mezinhas aproveitar-lhe o valimento para as mercês que requeriam. Mestre Gomes despeitado, pedio escusa dos encargos medicos, mas o infante compensou o largamente, nomeando-o *seu escudeiro com moradia, e sapateiro da sua pessoa*.

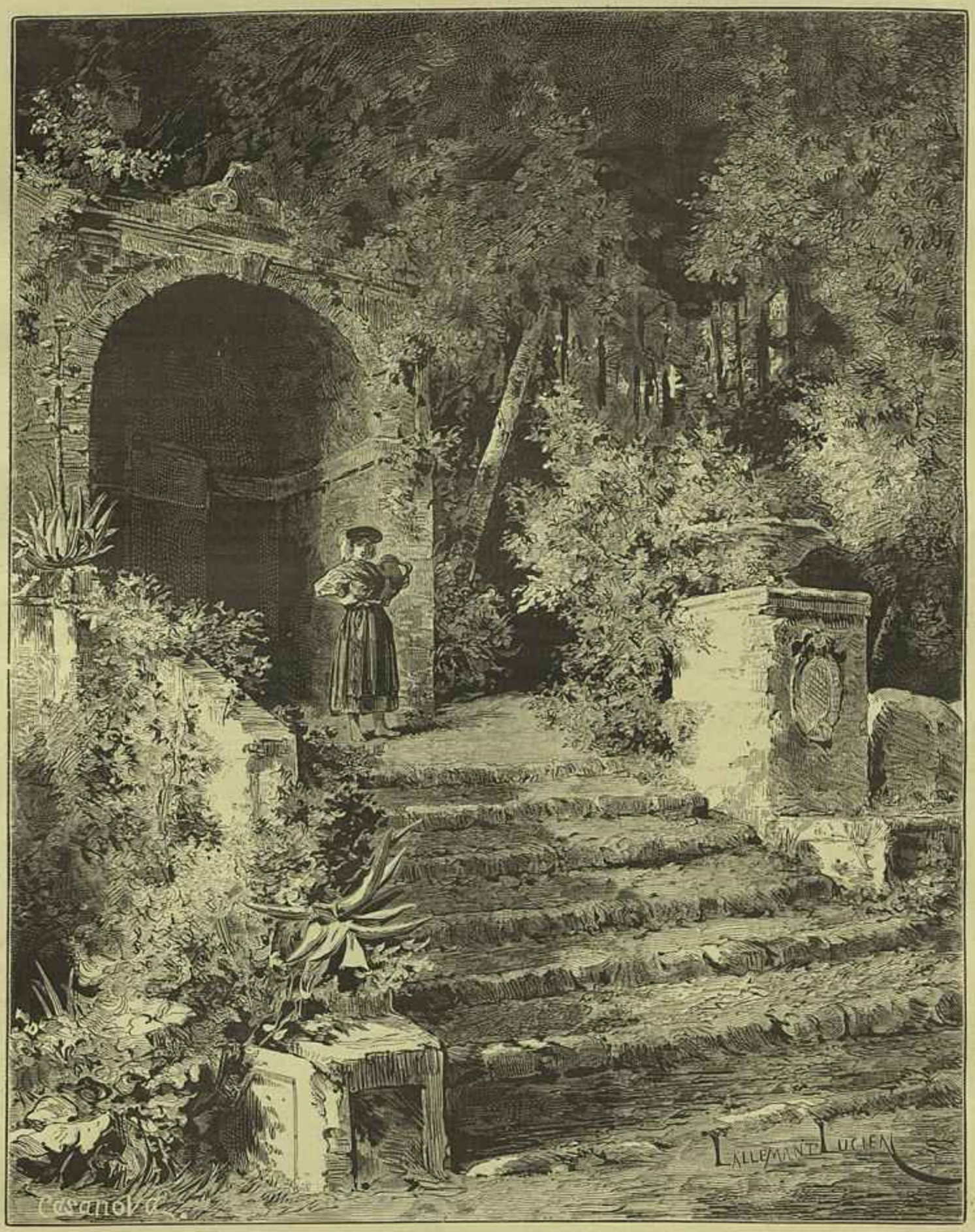
«Hoje ninguem admiraria tão nobres titulos em um membro da classe tão

BELLAS-ARTES

MARCOS PORTUGAL — Busto em gesso executado por P. da S. Alves Brandão para a Academia Marcos Portugal (Segundo uma photographia)

EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE PROMOTORA DE BELLAS-ARTES EM PORTUGAL, EM 1880 — O SAPATEIRO SANTO — Quadro de M. M. Bordallo Pinheiro

BELLAS-ARTES



UMA PAIZAGEM — Composição e desenho de Casanova

prestimosa; mas na época em que os pergaminhos eram indicativos de mais valor individual, causou assombro a jerarchia de mestre Simão, que sendo de condição modesta desprezou elevados cargos na republica, e continuou no humilde mister em que havia vivido seu pae. A humildade exaltava-o, augmentando-lhe o valimento na côrte.

«Por ordem de el-rei D. Sebastião tomou parte no conselho de estado que se reuniu em Almeirim, desenvolvendo tão atilados alvitres que se pozeram em pratica com grande vantagem; e por sua influencia concedeu o mesmo soberano ao logar de Punhete o titulo de villa, com todos os privilegios inherentes a tal fôro.

«Com fama de santidade morreu Simão Gomes, em dia de S. Lucas Evangelista, a 18 de outubro de 1576, e foi sepultado na egreja de S. Roque, junto á grade do cruzeiro, adiante do altar das virgens.

«O padre Manuel da Veiga, da companhia de Jesus, natural de Villa Viçosa, escreveu o *Tratado da vida, virtudes, e doutrina admiravel de S.mão Gomes, portuguez, vulgarmente chamado o sapateiro santo.* — O livro teve tanta extracção que se fizeram edições, em 1625, 1673, 1723 e 1759.

«Em 1768 a real Mesa Censoria, embirrando com os jesuitas, condemnou o livro, por edital de junho, a ser lacerado e queimado em publico pelas mãos do carrasco, o que se executou quatro dias depois na praça do commercio. O auto de fé poz um duque a novas edições, tornando-se o livro mais raro e mais apreciado.

«O padre Veiga declara mestre Simão Gomes *analphabeto... embora letrado natural, por Deus lhe haver concedido a sciencia infusa* (Cap. 1.º do liv. 2.º).

«Ha muito quem duvide da sapiencia do sapateiro remendão, que serviu para especular fanaticos. Os jesuitas que o inculcaram como um trophéu religioso, não se contentaram com a certeza do pobre de espirito ao largar este mundo ir gozar o reino do ceu, procuraram canonisal-o sem bulas e com quebra do direito espiritual.

«As praxes canonicas não toleram semelhantes abusos; a Cesar o que é de Cesar, e a Deus o que é de Deus.

«Os titulos divinos de santo e beato são os grandes premios da egreja christã, assim como o viscondado e o baronato são dos mais poderosos esteios que especam as maiorias constitucionaes.

«Gonçalo Annes, o Bandarra e Simão Gomes, foram dois sapateiros muito dignos, cujos vaticinios serviram de enlevo aos contemporaneos, e teem feito a admiração das gerações que lhes succederam; sanctificados pelas suas virtudes augmentaram os foros de sympathia por tão prestante classe, que já tinha a honra de possuir como patrono um S. Chrispim, que o calendario manda festejar emparceirado com S. Chrispiniano a 25 de outubro.»

UMA PAISAGEM

É uma phantasia que podia muito bem ser uma realidade, a paisagem do sr. Casanova, em que se estreia como gravador, hoje no nosso periodico, o sr. Lucien Lallemant, chegado ha pouco de Paris onde foi estudar gravura.

É uma bella paisagem em que vegetação enorme rebenta pelas gretas das pedras e pelas fisgas dos muros, é a entrada d'um velho solar abandonado, onde a natureza, o melhor jardineiro até hoje conhecido, atapeta de relva e de flores as escadarias vetustas. A composição é formosa, e a gravura está perfeitamente executada. O sr. Lucien Lallemant é um moço de muito talento, este seu primeiro trabalho que apparece a publico faz-lhe muita honra e obriga-o gravemente a grandes commettimentos. É uma promessa solemne que estamos certos o novel artista pagará integralmente.

CONGRESSOS ANTHROPOLOGICO E LITTERARIO

TRABALHOS DOS CONGRESSOS

Sobre este ponto suscitou-se grande debate levantado primeiro pelo sr. Cartailhac, que depois de prestar a devida homenagem aos trabalhos do nosso geologo, á perfeição das suas pesquisas, ao methodo com que foram recolhidos e organisados todos os documentos d'aquella proveniencia, que habilitam a poder conhecer-se a posição de todos os objectos na gruta, sem se ir lá, refutou porém a opinião do sr. Delgado, quanto á anthropophagia. Apoiando-se sobre os factos observados em Chauvaux por Spring em 1842 e Soreil em 1872, na Dinamarca, na Escandinavia, depois em França; fundando-se no que se observa nas ruinas de Pompeia, e no que praticam ainda hoje os habitantes mais selvagens da Siberia oriental, é de opinião que a gruta de Peniche e as mais de Portugal foram cryptas funerarias, que os objectos ali encontrados são moveis funerarios, e que os mortos foram ali depositados no estado de cadaveres ou de esqueletos, em geral não incinerados, tendo elles ficado expostos desde então a acções e influencias diversas.

O sr. Mortillet seguindo a opinião antecedente affirmou que muitas vezes os ossos compridos do homem não encerram medulla; e que quando a contém, a sua quantidade é n'estes menor do que nos de outros animaes, asserto que foi immediatamente contestado pelo illustre Virchow.

O sr. Vasconcellos Abreu defendendo a opinião do sr. Delgado, insistiu em que uma das causas principaes da anthropophagia devia ser a religião.

Na realidade, quando em todos os periodos historicos tem sido conhecida a anthropophagia entre povos mais ou menos selvagens, e ainda hoje o é entre povoações mais adiantadas em civilisação do que naturalmente eram os troglodytas de Portugal, não nos parecem muito rasoaveis as objecções dos anthropologos francezes, e achamos um pouco falto de logica o sr. Cartailhac quando diz: «ser incontestavel que a anthropophagia tem sido praticada por grande numero de selvagens modernos, mas não por todos, e por esse modo devemos fazer uma excepção quanto aos selvagens da Europa occidental prehistorica!» Na verdade não percebemos bem a rasão porque.

Emfim o sr. Schaafhausen depois de algumas considerações propoz se nomeasse uma commissão para examinar o ponto, e foram proclamados membros d'ella os srs. Delgado, Schaafhausen, Virchow, de Mortillet, Capellini, Hildebrand, B. du Bocage, Cartailhac e Vasconcellos Abreu, que foi o relator.

Durante tres horas discutiu esta commissão o assumpto, findas as quaes se leu o relatorio, d'onde constou que Schaafhausen se conservou firme na sua opinião, sem se julgar convencido pelas rasões oppostas; que Virchow cedeu um tanto, sem comtudo se julgar convencido; os srs. Capellini, que sustenta que a gruta de Palmella, na Italia, apresenta restos de canniballismo, Bocage e Vasconcellos Abreu ainda conservavam algumas duvidas; permanecendo na sua opinião, anteriormente apresentada, os srs. Mortillet e Cartailhac, á qual se aproximou o sr. Hildebrand.

Tomou então o sr. Schaafhausen a palavra e disse que não podia haver duvidas sobre a opinião emittida pelo sr. Delgado; os ossos por elle encontrados viam-se quebrados e fendidos pelo mesmo modo que os dos animaes das cavernas, não havendo carnivoro algum que quebre os ossos por aquelle modo. Os ossos acham-se queimados e foram encontrados em montões e dispersos pelas cavernas, d'onde se conclue que só podem ser restos das refeições humanas. Os ossos de creanças intactos provam que os habitantes d'este paiz comiam a carne dos seus inimigos, mas não a das creanças; a falta das epiphyses provava que o homem, depois de ter comido a carne e sugado a medula dos ossos, lançava estes ao seu cão, e, recordando as conclusões da sua memoria ácerca da anthropophagia, terminou dizendo que as investigações e pesquizas do sr. Delgado decidiram completamente a questão.

(Continúa.) R.

O GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA

NO

RIO DE JANEIRO

E O

TRI-CENTENARIO DE CAMÕES

(Continuado do n.º 81)

«Devemos tambem mencionar entre os primeiros secretarios d'esse periodo João Baptista Torres, que occupou-se seriamente com os deveres do seu cargo, e a quem se deve, depois de 1840, a confecção e organisação da contabilidade e movimento da livraria, que ainda merecidamente subsistem, pela sua singeleza e exactidão. Antes fôra a escripturação um chaos, sem methodo nem regularidade. Convém aqui mencionar tambem os socios que no cargo de thesoureiro mais serviços prestaram, e são: Jeronymo Francisco de Macedo Braga, Antonio Martins de Sousa Porto e José Joaquim de França, dignos de serem citados, pois era o cargo espinhoso, e n'aquella epoca sem compensação alguma pela exiguidade dos recursos do *Gabinete*. D'esse primeiro periodo cabe a menção de simples socios que, sem exercerem cargos importantes, tambem se dedicaram á instituição e são entre outros Antonio José Mendes Campos, Antonio Ferreira Brandão, Manoel Luiz da Silva Serra, Antonio Sarmento Pereira Brandão, Antonio José Alves Coelho, Constantino Joaquim d'Azevedo Lemos, Francisco Xavier Alvares, Antonio José Ferreira, Hermenegildo Antonio Pinto e Joaquim Augusto da Cunha Porto. A historia mais modesta não deixa de ter especial prazer em passar ao futuro os nomes d'estes capitães de lides pacificas, em que os louros desapparecem na obscuridade mas as conquistas ficam duradouras no progresso das idéas e da felicidade da classe popular.

«Em principios de 1860 tinha o *Gabinete* necessariamente de entrar em uma crise aguda de que dependia a vida da instituição. A propria fertilidade do nucleo que precedera, dando lugar a que d'elle saissem outras instituições importantes e de interesse mais practico e immediato, fizera com que das fileiras dos socios activos se arredassem muitas influencias que se applicaram ás novas associações. O *Gabinete* ficára para os devotos das letras e da instrucção, mas estes eram escassos e nem sempre os mais favorecidos da fortuna. Por outro lado as successivas emigrações de Portugal desde 1842, haviam trazido para o Rio de Janeiro moços com applicação á nova litteratura, que desejavam a reforma das collecções da bibliotheca, e maior alargamento do circulo de influencias que até então haviam gerido a instituição.

D'esse numero eram os representantes da colonia como Fernando Castiço, Manoel de Mello, Ernesto Cybrão, Xavier Pinto, Constantino Lemos, Mello e Faro, José Coelho Lousada, Ramalho Ortigão, Francisco Ramos Paz e outros jovens illustrados, alguns dos quaes mais tarde figuraram á frente das instituições principaes. Entre os velhos sustentadores do *Gabinete* e a camada nova, que tentava apoderar-se do mando travou-se luta pertinaz em successivas assembléas, que mostravam o interesse merecido pela instituição. Nem sempre se guardaram as conveniencias, nem sempre se fez justiça aos honrosos trabalhos das antigas administrações, mas afinal venceu o espirito reformador do seculo, que n'este caso não era só no dominio administrativo, mas tambem nas tendencias litterarias e bibliographicas.

A antiga directoria resignou os seus lugares e foi eleita uma de transição de que era director José Peixoto de Faria Azevedo, 1.º secretario Antonio Xavier Rodrigues Pinto e thesoureiro Julio Ernesto de Castro Sousa. O conselho deliberativo autorisou a emissão de 500 acções e esforçou-se por fazer face ás difficuldades financeiras. Na mesma occasião a directoria concedia o titulo de benemeritos ao dr. José Pedro da Silva Camacho, Henrique Pereira Leite Bastos e Thomaz José Pereira Lima, correspondente de Lisboa, para fazer justiça aos serviços que haviam prestado ao *Gabinete* em longo periodo.

Para o novo pessoal administrativo contribuiu em larga escala o *Gremio Litterario Portuguez*, instituição de estudo e propaganda intellectual, a que então pertenciam os homens mais esclarecidos da colonia. Foi do seio d'ella que surgiu a idéa do monumento a Camões, depois geralmente acceita, e para a qual trabalhou o *Gabinete* a convite do sr. conde de Thomar, que então era embaixador portuguez na côrte do Brasil.

Entre os jovens que em 1860 acudiram das fileiras do *Gremio* a sustentar a instituição mãe do progresso portuguez na America, distinguia-se Antonio Xavier Rodrigues Pinto pela dedicação, infatigabilidade, abnegação e fé invencivel. Pobre, vivendo do arduo trabalho de guarda-livros, adquirindo o saber com os proprios esforços, presando acima do interesse pessoal o bom nome da gente portugueza no estrangeiro, este heroe modesto do progresso foi um dos mais fecundos propugnadores do *Gabinete* do *Gremio Litterario* e das instituições de caridade. Deante d'aquella pequena estatura, d'aquella modesta apparencia, d'aquella inconsciencia do proprio merecimento, caiam os obstaculos, desfaziam-se as difficuldades e fazia-se riqueza inexgotavel da mais pauperrima escacez de meios. Foi elle quem aventou a idéa de um fundo destinado á construcção do edificio proprio, e embora o sorriso da incredulidade acolhesse as primeiras propostas, teve a felicidade de, antes da morte, ver a sua aspiração em bom caminho com a eminente coadjuvação de José Joaquim Ferreira Margarido, um outro batalhador incançavel d'esta aspiração.

Volvidos alguns annos quem irá despertar do olvido estes nomes modestos que não figuraram nas assembléas politicas nem nas grandes academias, e que nem ao menos tiveram o theatro da patria para lhes receber e consagrar as obras? Na terra do exilio, nem sempre cordial, nem sempre grata aos trabalhos alheios pelo progresso, talvez fiquem absorvidos por glorias mais felizes estes esforços preliminares; mas convém que os annaes internos sejam mais lembrados do que a ingratidão dos tempos e das gerações.

Desde 1860 até 28 de janeiro de 1866 lutou esta administração com as maiores difficuldades, pois a colonia, distraída por outras instituições, pouca attenção prestava a uma associação de mero interesse instructivo. Foram duros annos de provação em que muitas vezes faltaram os meios, augmentaram as dividas, viu-se o futuro arriscado e ganhou a descrença os mais dedicados corações. Xavier Pinto resistia a todos estes embates, já procurando realisar beneficios nos theatros mais concorridos, já incitando o conselho deliberativo a passar acções; ora prestando o seu trabalho pessoal para a escripturação do *Gabinete*, ora appellando para o ingresso e dedicação de novas influencias. Apesar de todas as contrariedades, no fim de seis annos de provação, o *Gabinete* tornára mais decente o seu recinto, alargára as acommodações da bibliotheca, adquirira mais 5:626 volumes, e lançára as bases do fundo destinado ao edificio. Foi n'esse periodo que no recinto do *Gabinete* e coadjuvado pelo conselheiro Duarte Nazareth e pela mocidade do *Gremio* o obscuro auctor d'este esboço, em oração commemorativa do fallecimento de D. Pedro V, levantou a voz para a fundação da Caixa de Soccorros, a mais grandiosa creação da caridade portugueza na America. O immenso enthusiasmo d'essa reunião, a espontaneidade dos donativos e contribuições, vigoraram desde logo a vida d'essa nova creação do *Gabinete*, que equiparou em dignidade e civismo a emigração portugueza no Brasil ás colonias européas mais numerosas e adiantadas nos Estados Unidos.

(Continua) G. L.

APONTAMENTOS PARA A VIDA DO DIABO

Digam o que disserem, o meu rico adorador de Nyang poderá ser despresivel como um canalha, pela sua cobardia, mas tolo ninguem lhe chamará. Não senhor, um perfeito cavalheiro. Deixa fallar quem falla, meu bom selvagem: muitas festinhas a Nyang, coices no outro, e verás como levas bem a tua vida. P'ra frente.

Prestada esta homenagem da minha sincera admiração pelo talento, voltarei á materia de que me occupava, e que, fallando verdade, já nem me lembra o que era. Ah! sim, uma coisa muito secante. A explicação da lenda figurada por S. Miguel com o diabo aos pés. Vamos a isso:

Ia eu dizendo que, segundo affirmam os entendidos, nas religiões primitivas, tanto o principio do mal, como o do bem, tem ambos egual poder: perfeitamente o regimem constitucional; um d'elles occupa-se a crear tudo quanto é bom, deixando ao collega plenissima jurisdição sobre tudo o que é mao.

Depois, com o desenvolvimento das idéas religiosas vem a tendencia para a unidade, de que dão testemunho, dizem, a religião grega e romana, nos seus ultimos tempos. Absolutismo no caso.

Ora no tempo em que fôram escriptos os primeiros livros da biblia, fosse elle qual fosse, é indiscutivel que a independencia dos dois principios não podia existir, porque era incompativel com o monotheismo: necessariamente o espirito do mal havia de ser subordinado ao espirito bom. D'ahi vem o logar inferior que no genesis se dá á serpente; se ella consegue mudar os destinos do homem, e como que desconcertar os planos do creador, não é por que tenha poder para isso, mas simplesmente por meio da astucia: não se impõe, não obriga; insinua-se, persuade. É possivel que a tradicção da lucta se conservasse ainda no vulgo; vê-se porém, que os homens de superior illustração a repelliam, como contraria ao systema religioso. Comtudo, como já em outro logar fica notado, nos livros posteriormente escriptos acentua-se a influencia de um genio malefico, e a sua mais frequente immissão nos actos humanos: pertende-se concluir d'este facto, que não fôram indifferentes para a nova concepção da personalidade diabolica as crenças da religião de Avesta, no tempo em que o povo judeu esteve em mais estreitas relações com os persas.[1] Effectivamente no *Yaçana*, que é o mais antigo dos livros d'aquella religião, diz Zoroastro:

«No principio appareceram dois espiritos gemeos, de uma actividade contraria em pensamentos, em palavras e em acções; o Espirito do bem e o Espirito do mal. Os sabios escolhem entre um e outro, mas os insensatos não os sabem distinguir. Estes dois principios tiveram desde o primeiro instante o mesmo pensamento para a creação da vida e da morte, e do mundo das coisas, como elle deve ser.[2]

No *Vendidad*, outro dos livros sagrados da mesma religião, encontra-se ainda a seguinte exposição genesica, onde o dualismo representa um papel importante.

«A primeira creação foi esta terra, que era um logar de bem estar, mas que não tinha completa fertilidade; a essa creação veio oppôr-se uma outra para a morte e a destruição dos homens. Fui eu, Ahonra-Mazda, que criei a primeira habitação, a melhor das habitações possiveis, a Airyana-Vaédja, de excellente natureza; mas Aura-Mainyon (Ahrimane) o matador, oppôz a esta creação, que era boa, uma creação mas sob a fórma de uma immensa serpente e de um rigoroso inverno.»[3]

Como se vê, uma e outra d'estas passagens tem as maiores affinidades com a do Genisis hebreu, relativa á queda do homem, sendo todavia mais acentuada na religião persa a influencia do máo principio. Não repugna, pois, acceitar a hypothese de que as relações dos persas com os hebreus influissem para avivar n'estes a crença no grande poder do espirito máo; todavia, o que parece mais conforme com o papel que o diabo representa nos livros biblicos, é a supposição que já fizemos, e que nenhum facto contradiz; isto é, que na religião official o genio máo era completamente subordinado ao do bem, mas na religião popular, muito differente da outra, porque é accommodada a um nivel intellectual inferior, e por consequencia mais embuida de suprestições, n'essa vivia a tradicção do dualismo primitivo, modificado pela victoria do espirito bom. E era, digamol-o assim, tão impressiva essa tradicção, que passou para o christianismo, e ainda hoje vive exactamente nas mesmas condições, isto é, formando parte das crenças populares, sem a consagração da religião official.

—Não ha tal .. devo prevenir o leitor, que o que vae seguir-se é uma discussão entre mim e eu, na qual se procurarão seguir os processos da dialectica modernissima. Quem primeiro rompe é Mim, do theor e fórma seguinte:

—«Não ha tal; e é preciso ser muito ignorante e muito bruto para affirmar similhante coisa, se é que em tal affirmativa não ha a mais refinada má-fé. A lenda figurada pelo grupo de um anjo e um dragão, nada tem que vêr com as velhacarias que *Eu* attribue a Moysés, julgando-o por si, e calumniando torpemente um homem honrado. Essa lenda é de formação muito mais recente, nasceu apenas do Apocalipse, como irrefutavelmente se prova com o seguinte texto:

«Deu-se um grande combate no ceu; Miguel e os seus anjos combatiam com o dragão, e o dragão pelejava com os seus anjos.»[4]

«Só os ignorantes chapados é que desconhecem a poderosissima influencia que teve a methaphisica grega na formação do christianismo, e principalmente na obra do illustre solitario de Patmos, a cuja alta intelligencia e honestidade de caracter prestamos a devida homenagem, apesar de não ser nosso correligionario politico. O sabio auctor do Apocalipse, apreciando todo o valor da methaphisica grega, apoderou-se d'ella e introduziu no seu livro, sob outra fórma, o mytho da lucta titanica, em que Zeus, o deus supremo, conquista a victoria, precipitando no Tartaro os seus formidaveis inimigos. Esta é que é a verdade de todos conhecida, e por mais argucias, perfidias e calumnias que se empreguem, nada poderá arrancar ao partido grego, a que nos honramos de pertencer, a gloria de ter dado origem a esta lenda, com que tanto tem lucrado o paiz.»

Segue-se a replica:

—«Não nos permitte a falta de espaço responder largamente ao safardana *Mim*, nem tambem vale a pena gastar cêra com ruins defunctos. Notaremos só algumas bellesas polemicas no artigo do nosso adversario, sem com tudo a sacentuar muito, por commiseração para com o biltre. Accusa-nos de havermos calumniado Moysés, o venerando chefe do partido judeu, a que nos honramos de pertencer; mas como, quando, e em que, o calumniamos, se nem uma só vez escrevemos o seu nome?! nem uma só vez alludimos a elle! Percebe-se perfeitamente a perfidia da intriga, mas esse expediente, que é tão torpe como quem usa d'elle, está tambem tão desacreditado como quem agora o emprega contra nós.

«Quanto á questão em si bastará dizer que o asno confunde os mythos com a methaphisica! Concedendo mesmo que o Apocalipse fosse influenciado pela methaphisica grega, segue-se que havia por força admittir os mythos da religião grega? Ignora o pedante, que esses mythos não resistiram á acção dissolvente da analyse phylosophica, ou mais rigorosamente methaphisica? E quer então que lhe respondamos... n'essa não cahimos nós que temos mais e melhor em que empregar o nosso tempo: ensinar a quem seja capaz de aprender.

«Uma ultima observação para concluir, por hoje. Fazendo muitas zumbaias á capacidade e probidade do senhor S. João, nosso esclarecido chefe, Mim, insinua perfidamente que elle roubou os gregos! Felizmente que a reputação do accusado está muito superior ás calumnias de um certo beleguim grego, que roubou uns brincos de brilhantes a Nossa Senhora do Loreto.

«O scriba assalariado termina a sua arenga dizendo que na lucta titannica *Zeus conquistou a victoria!* Seria bom que este zote tratasse de conquistar a grammatica, antes de escrever para o publico.»

Advertencia. — Diz-se que nada melhor para esclarecer as questões do que a discussão. Ora ahi tem o exemplo. Descompostura de parte a parte, e por fim está de tal forma embrulhada a questão, que é impossivel tirar alguma coisa a limpo.

Veremos se no artigo seguinte poderá desembrulhar-se isto, mas sem polemica.

DELFIM D'ALMEIDA.

[1] Ibid. pag. 106.
[2] Trad. de Mr. Barthélemy Saint-Hilaire, (Journal des Savants, 1878, pag. 81) feita sobre outra franceza de Mr. Harlez, a ingleza de Haug e a allemã de Spiegel.
[3] Ib. pag 141.
[4] Apoc. c. 12 v. 7.

EFFEITOS DO ULTIMO COPINHO

Não o criminem!

Peço que não o criminem por haver tido a fraqueza de consentir que lhe andasse a cabeça á roda.

A culpa não é d'elle, coitado!

A culpa é d'este uberrimo torrão de Portugal, d'este esplendoroso clima e d'este sol creador que d'entre os vinhedos do Douro sabe extrahir a flux uma coisa que elle, o nosso fiel alliado, lá na sua Albion, só de nome conhecia: o *Porto*.

Se ha coisa que faça transbordar de jubilo ineffavel um coração verdadeiramente britannico, é um calix de *Porto*.

O *Madeira* será bom, excellente mesmo e apreciadissimo.

Ao *Xerez* tambem John Bull não faz cara por certo.

Mas o *Porto*.. ai! o *Porto*, isso tem mais que se lhe diga!

Here's success to Port!
Drink it down, drink it down,
For it warms the heart for sport!
Drink it down!

A carne é fragil e a tentação irresistivel.

Ora chegar aqui e por pouco dinheiro, por baixo e vil preço — que até faz vergonha quasi especificar-lhe a modestia da cifra, — encontrar aquelle incomparavel nectar dos deuses, com que em Londres só argentarios logram deliciar-se, é para entontecer a cabeça ao mais escrupuloso cumpridor dos preceitos da temperança.

Imaginem, pois, n'uma bella manhã desembarcando em Lisboa um d'esses typos aprumados que a esquadra ingleza de quando em quando nos traz ao Tejo, imaginem-n'o desembarcando imperturbavel e grave na impertigada seriedade da sua farda vermelha, com umas libritas muito loiras a tilintarem-lhe no bolso, honrosamente ganhas em serviço de S. M. Britannica.

Apenas põe pé em terra .. zás! a primeira figura que se lhe depara é um garoto ladino com pretenções a interprete, que se propõe servir-lhe de cicerone e regalar n'esse dia as tripas, comendo á custa do extrangeiro.

O gaiato, apenas o avista, rompe logo n'uma algaravia estapafurdia em que avulta frequentemente a enigmatica interjeição:

— *Aicé! aicé!*

Perante a intimativa com que o malandrete se lhe dirige meio-gingão, meio-presumido e sobretudo estribado na firme convicção de que está fallando inglez, — o da fardeta vermelha não comprehendendo uma syllaba sequer, mas julgando improprio do seu orgulho britannico dar o braço a torcer e confessar-se ignorante, responde invariavelmente:

— *Oh! yes!*

— Venha então commigo.

E o inglez lá se deixa levar por travessas e bècos... sem saber para onde!

E lá vão ambos.

Ao cahir da tarde ou á noite, quando tornarmos a encontrar o nosso visitante... não lhes conto nada! Ahi está a gravura que o explique.

Manuel de Macedo apanhou-o mesmo em flagrante. Com a cabeça aos tombos e a farda desabotoada, encostado ás paredes para não perder de todo o equilibrio, eil-o ahi vae monologando ou cantarolando, sem tino já para seguir um rumo certo, e carecendo de que algum companheiro menos tonto o ampare n'aquella tortuosa perigrinação até ao caes do embarque.

O companheiro das filistrias, o brejeiro que durante o dia o guiou n'aquella variadissima odysséa por entre viellas e encruzilhadas, — esse já ali não figura, porque não tendo mais que lhe chupar, desde que o derradeiro *penny* se escoou das algibeiras do inglez, tratou positivamente de o deitar a margem.

Mas lá estão na parede os vestigios inequivocos da sua pilheria trocista; a garatuja escarvunçada no muro dispensa bem a assignatura do endiabrado auctor, para que todos de prompto exclamem ao vêl-a:

— Por aqui passou mão de gaiato!

Este desenho original de Macedo accusa incontestavelmente reminiscencias dos seus primeiros tempos de educação artistica.

O leitor lembra-se de ter visto ha cerca de quinze para dezesseis annos na Exposição da Sociedade Promotora de Bellas Artes umas soberbissimas aguarellas pintadas por Alfredo Howell?

Foram esses os primeiros modelos de Manuel de Macedo.

Frequentador da casa d'aquelle estimabilissimo cavalheiro que por muitos annos fez de Lisboa a sua residencia habitual, e que alliava aos dotes de artista distinctissimo as condições de um perfeito *gentleman*, — Manuel de Macedo, que na vida collegial travára conhecimento com os filhos de Alfredo Howell, recebeu d'este as primeiras noções de fino gosto n'aquella casta de trabalhos.

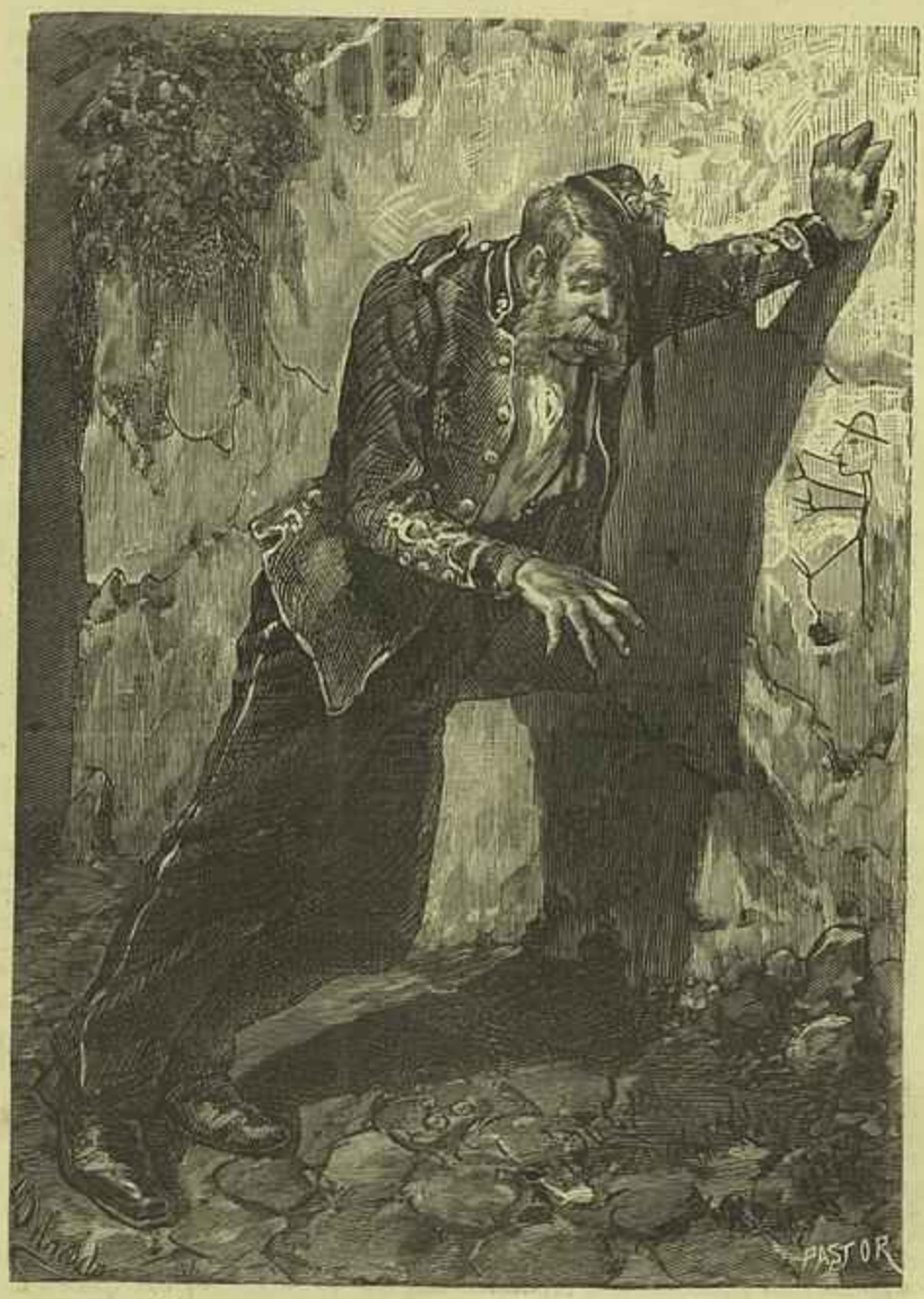
Foi tambem no collegio que eu com elles estreitamente me relacionei. Henrique Howell, que é hoje em Lisboa o engenheiro dos caminhos de ferro americanos, possuia já com Manuel de Macedo a intuição do bello artistico. Frederico Howell, que seguiu egualmente a vida de engenheiro, e cujos dotes praticos a Companhia das Aguas teve o bom-senso de aproveitar nos trabalhos a que procedeu para encanamento do Alviela, — Frederico Howell, o mais novo de todos, era por essa epocha ainda uma creancita que se ria dos desenhos, a que chamava bonecos.

Hoje, quando os encontro na vida util do trabalho, e os abraço jubiloso por vêl-os homens de bem, austeros e probos entre tanta podridão que por ahi nos infecta, felicito-me de os ter por amigos, mas involuntariamente lanço olhos internecidos para o passado e não sei furtar-me a evocar com saudade as horas despreoccupadas d'aquelle nosso antigo condiscipulato.

A gravura, que o OCCIDENTE hoje publica, suscita-me todo esse risonho panorama de recordações, porque vejo n'ella a mesma frescura de sentimento que caracterisava as aguarellas do velho Howell, onde Manuel de Macedo bebeu as suas primeiras inspirações.

XAVIER DA CUNHA.

BELLAS-ARTES



EFFEITOS DO ULTIMO COPINHO — Aguarella de Manuel de Macedo

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

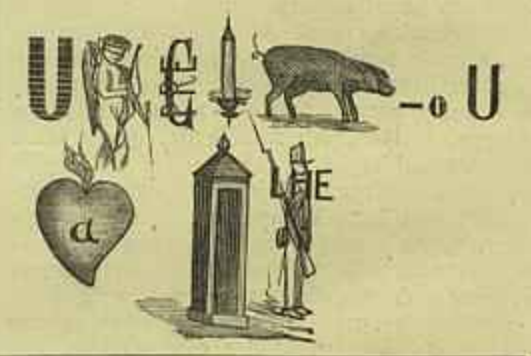
MOÇAMBIQUE, *communicação á Sociedade de Geographia de Lisboa, nas sessões de 6, 13 e 22 de dezembro de 1880 por Joaquim José Machado, major de engenheria, director das obras publicas de Moçambique. Lisboa*, 1881, publicação feita pela referida sociedade. Como tudo o que se refere ás colonias, este pequeno resumo das conferencias de um empregado intelligente que vê e sabe ver as regiões que visitou, é interessantissimo. Não poude ser revisto pelo auctor, que provavelmente tratará o assumpto em obra mais desenvolvida, mas não obstante isso apresenta já indicações tão curiosas e importantes sobre aquella nossa riquissima colonia, que nos dão noções muito mais completas do que as de outros viajantes. Como os nossos funccionarios não tem em vista senão dizer a verdade com sinceridade e franqueza, todos os seus escriptos maiores ou menores, distinguem-se dos estrangeiros, nomeadamente inglezes, por não haver n'elles pensamentos reservados nem pró, nem contra a nação. Pena é que a sociedade de geographia não fizesse stenographar todas as sessões, porque mais interessante seria ainda a sua leitura.

A ORTHOGRAPHIA PHONETICA CONFIRMADA PELA LINGUISTICA E BIOLOGIA, *por D. Agostinho de Sousa*, Porto, typ. Alliança, 1881, de 67 pag. — É a primeira vez, se não nos enganamos, que este assumpto é tratado scientificamente no nosso paiz. Ninguem desconhece as rasões logicas que deviam presidir á fixação e organisação da orthographia de uma lingua, mas tambem ninguem desconhece que tendo se as linguas formado inconscientemente e sem um plano preconcebido pelos primeiros que as começaram a fallar e a escrever, não só na sua construcção se encontram numerosas excepções ás regras geraes, mas na sua escripta se encontra uma divergencia notavel com as leis phoneticas. Durante seculos se tem escripto e imprimido com uma orthographia mais ou menos regular, e parece-nos que em nenhuma lingua conhecida se poderia acceitar uma orthographia rigorosamente phonetica, porque ella só representaria a pronuncia de uma certa e determinada localidade, como se tem provado por alguns trechos escriptos segundo essas regras, que tem sido impugnados por alguns como não representando a verdadeira pronuncia.

Sendo exactos os principios scientificos apresentados pelo auctor, que ninguem contesta, na pratica viria uma tal reforma causar innumeros transtornos. Todos os livros até hoje manuscriptos ou impressos tornar-se-iam quasi como que do uso exclusivo dos paleographos, e dentro em pouco ninguem os entenderia. A nossa opinião é que se deve regularisar a orthographia, uniformisando a, e tirando-lhe algumas ligeiras duplicações de letras, etc., com o que se lucra mais do que com a reforma phonetica que nenhuma vantagem nos parece trazer.

EXPLORAÇÕES GEOLOGICAS E MINEIRAS DAS COLONIAS PORTUGUEZAS, *conferencia feita na Sociedade de Geographia de Lisboa na noite de 17 de janeiro de 1881, por Lourenço Malheiro, engenheiro de minas.* — Lisboa, 1881. — 26 pag. — Esta publicação, feita por ordem da Sociedade de Geographia de Lisboa, é do mais alto interesse na actualidade, como tudo o que se refere ás nossas colonias. A competencia do auctor, um dos distinctos engenheiros de minas do nosso paiz e que para a Africa partiu em commissão da sua especialidade, certifica-nos da sua importancia. N'um quadro conciso, sem phrases bombasticas, sem grandes divagações, estão relacionadas as nossas riquezas mineiras coloniaes conhecidas, que nos deixam entrever os vastos thesouros occultos e desconhecidos que podetão ser aproveitados. Aconselhamos a leitura d'estes trabalhos, ao alcance de todas as intelligencias.

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:

Mineiro, homem com vocação de minhoca.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1881, LALLEMANT FRÈRES, TYP. LISBOA
6, Rua do Thesouro Velho, 6